

17/5/1984

"Bóias-frias" paulistas enfrentam polícia a pedradas

Bebedouro — Com pedras e tijolos, cerca de 1 mil colhedores de laranja, em greve desde a última segunda-feira, enfrentaram, ontem, as bombas de gás lacrimogêneo e os cassetetes de cerca de 300 policiais-militares, num dia de violência e conflitos em Bebedouro, a 400 quilômetros da capital, maior produtor de laranja do país.

A paralisação dos colhedores de frutas — bóias-frias — atinge 6 mil dos 10 mil trabalhadores do município, que reivindicam o aumento de Cr\$ 60 para Cr\$ 200 pela caixa colhida de fruta. A greve dos trabalhadores rurais é a primeira realizada no município. A paralisação foi decidida, no último sábado, em assembléia realizada na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bebedouro, sem o apoio de sua diretoria.

Concentração

Desde a madrugada, os trabalhadores — cerca de 1 mil — se concentraram nos quatro bairros da periferia de Bebedouro, onde residem (Jardins Cláudia 1 e 2, Vila Aeroporto e Vila Santa Terezinha). Os policiais-militares — a cidade recebeu reforço de 273 homens de acordo com o comandante do policiamento do interior, Coronel Bonifácio Gonçalves — já estavam nas ruas. Das portas de suas casas, os bóias-frias iniciaram os primeiros incidentes, jogando pedras em direção aos soldados, incitando-os para a "briga" com palavrões.

Um caminhão de uma empreiteira foi depredado, os policiais jogaram bombas de gás lacrimogêneo. Os bóias-frias se abrigaram em suas casas, e várias foram invadidas pela polícia.

Desde as 7 horas da manhã, o Secretário do Trabalho, Almir Pazzianoto, tentava entrar em contato com as duas indústrias de sucos do município — a Frutesp e a Cargill, que juntas esmagam 47 milhões de caixas de laranjas (a capacidade instalada de moagem do estado é de 220 milhões de caixas), e que são responsáveis por três mil empregos diretos.

O prefeito de Bebedouro, Sérgio Stamato (PDS), garantiu que "elementos despreparados insuflaram o povo e agora perderam o controle", sem entrar em detalhes. O delegado Miziara garantiu que "não se identificam influências políticas específicas" sobre os trabalhadores. O movimento dos bóias-frias não tem nenhuma liderança política, não viu a presença de parlamentares (com exceção do líder da bancada do PMDB de Bebedouro, Danglares Fio Veraldi) e não teve panfletos e surgiu sem o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município.

O presidente do sindicato, José Nunes do Nascimento — desde 1972 à frente da entidade — reconheceu, ontem, que o movimento escapou do seu controle: "Os policiais agitaram o povo e o prefeito está dando apoio".

(Página 12)